

## A CASA-GRANDE COMO INSTITUIÇÃO REGULADORA DO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA

Marcos Ramos (Mestre em Estudos Literários, UFES)

### Resumo

A partir da análise de *Grande Sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, este artigo pretende demonstrar a centralidade da estrutura colonial patriarcal desenvolvida por Gilberto Freyre e representada pela instituição da casa-grande na dinâmica social que orienta os modos de ação de Riobaldo, protagonista do romance roseano. Para tanto, sublinharemos, sobretudo, as possibilidades de contato entre a obra de Rosa e o principal ensaio de Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala* (1933), sem nos furtarmos, todavia, às discussões dos seus principais comentadores.

### A Casa-Grande como Instituição Reguladora do Sertão de Guimarães Rosa

José de Alencar é autor do primeiro projeto literário nacionalista brasileiro. Sua extensa obra literária tentou radiografar, sem dispensar ampla capacidade de invenção, o conjunto de singularidades de cada região do país. Gilberto Freyre encontrou nessa obra, de modo mais completo, uma ilustração dos temas desenvolvidos em *Casa-Grande & Senzala*, isto é, inúmeras características que apontam para a formação da sociedade patriarcal no Brasil colonial<sup>1</sup>. Poderíamos destacar, em *O Tronco do Ipê*<sup>2</sup>, o Barão como a figura central, aglutinadora das atenções, dono das ordens; em *O Guarani*<sup>3</sup>, Peri, apesar índio, o viril representante do patriarcalismo; Manuel Canho, em *O Gaúcho*<sup>4</sup>, o personagem forte, inspirado pela força de seu pai morto (João Canho) e por seu

---

<sup>1</sup> FREYRE, Gilberto. *Reinterpretando José de Alencar*. Ministério da Educação e Cultura. Departamento da Imprensa Nacional, 1955.

<sup>2</sup> ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1977.

<sup>3</sup> ALENCAR, José de. *O Guarani*. 9 ed. São Paulo: Ática, 1981.

<sup>4</sup> ALENCAR, José de. *O Gaúcho*. 3 ed. Editora Ática: São Paulo, 1988

padrinho, o coronel Bento Gonçalves. Todos homens, centralizadores, unidades fundamentais em volta das quais se organizou toda vida social de uma comunidade.

Freyre lê a obra de Alencar a partir de uma ótica bipartida em que os personagens se organizam em dois blocos: o da *casa-grande* e o da *senzala*. O primeiro, naturalmente, representa o poder social, o respeito, a legitimidade perante a sociedade; o segundo, a dependência financeira, a submissão moral e o desprestígio. E apesar de todas as distâncias que essas condições implicam, muitas vezes os relacionamentos amorosos são frutos da interação entre esses dois blocos. E poderíamos começar dizendo que esse é um tema fulcral em *Casa-Grande & Senzala*.

O intercurso sexual de brancos dos melhores estoques – inclusive eclesiásticos, sem dúvida nenhuma, dos elementos mais seletos e eugênicos na formação brasileira – com escravas negras e mulatas foi formidável. Resultou daí grossa multidão de filhos ilegítimos – mulatinhos criados muitas vezes com a prole legítima, dentro do liberal patriarcalismo das casas-grandes; outros à sombra dos engenhos de frades; ou então nas “rodas” e orfanatos.<sup>5</sup>

A tese de Freyre é de que casa-grande é o espaço de interação cultural e miscigenação racial que constitui o povo brasileiro, ainda que essas relações sejam ilícitas. Gilberto Freyre argumenta que Alencar, até mesmo tratando da formação do povo brasileiro em textos indianistas, deixa escapar a presença patriarcal e escravocrata na base da constituição familiar. Afirma ainda que, até mesmo para os escritores que não estão de acordo com a estrutura social ou se revoltam contra ela, a herança do colonizador é inevitável:

A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro: da sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo; da sua vida de menino; do seu

---

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52 ed. Rio de Janeiro: Global, 2013, p. 531

cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credences da senzala.<sup>6</sup>

Fazendo uma leitura comparada a fim de exemplificar o tipo de relacionamento entre a *casa-grande* e a *senzala* descrito por Freyre, poderíamos iniciar destacando em dois tempos: 1) a personagem Isabel do romance *O Guarani*, tida na família como sobrinha de Antônio Mariz, mas que o leitor sabe ser filha dele; 2) Riobaldo, protagonista de *Grande Sertão: veredas*, tido, no primeiro momento como afilhado de Selorico Mendes, porém, como sabemos, um filho bastardo. E se quisermos estender a análise ao contemporâneo, poderíamos ainda sublinhar, no premiado longa metragem *Que horas ela volta?*, de Anna Muylaert<sup>7</sup>, de 2014, o interesse sexual de José Carlos, o patriarca, por Jéssica, a filha da empregada doméstica, Val.

Mas se tanto Alencar quanto Rosa (e Muylaert) estão denunciando o processo de formação da cultura brasileira, isso, no entanto, acaba sendo relegado a um segundo plano por grande parte dos leitores, pois no séc. XIX, o leitor romântico, herdeiro dessa tradição patriarcal, centra sua atenção na história de amor entre Peri e Cecília; no séc. XX, ainda herdeiros da tradição patriarcal, em grande medida, ainda românticos, centramos nossa atenção no amor entre Riobaldo e Diadorim; e, no séc. XXI, não é tão diferente.

A *casa-grande* e a *senzala* (e suas modulações/atualizações) estão em constante permuta, é o que sustenta Freyre. Sinhás e mucamas trocam de lugares: a mocinha da casa-grande brinca na senzala e os herdeiros do senhor são apresentados aos frutos, às árvores, à cultura local pelos negros. Quanto à interação entre brancos e índios, argumenta:

Do menino (...) salientaremos (...) o papel que representou em momento, se não dramático, decisivo, de contato entre as duas culturas, a europeia e a indígena; quer como veículo civilizador do missionário católico junto ao gentio; quer como conduto por

<sup>6</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52 ed. Rio de Janeiro: Global, 2013. p. 44

<sup>7</sup> MUYLAERT, Anna. *Que horas ela volta?* [filme], 2014.

onde preciosa parte de cultura aborígine escorreu das tabas para as missões e daí para a vida, em geral, da gente colonizadora. Para as próprias casas-grandes patriarcais.<sup>8</sup>

Mas se é verdade que “filho do branco e do preto [e também do índio],/ [estão] correndo pela estrada atrás de passarinho/ pela plantação adentro,/ crescendo os dois meninos [juntos],/ sempre pequeninos”; ao fim e ao cabo, “filho do senhor vai embora,/ tempo de estudos na cidade grande” e “quando volta já é outro”, “já tem nome de doutor,/ e agora na fazenda é quem vai mandar/ e seu velho camarada,/ já não brinca, mas trabalha”<sup>9</sup>, como cantou Milton Nascimento.

\*

Freyre dedicou pelo menos um texto crítico a Guimarães Rosa. Em artigo intitulado *Presença de Guimarães Rosa e outras presenças*<sup>10</sup>, ele aponta o autor como renovador da língua portuguesa, equivalente à representação de Mallarmé para literatura francesa, ou de Gertrude Stein para literatura de língua inglesa. Freyre faz questão de sublinhar que a principal limitação de Rosa é ser um escritor para poucos – sumariamente, afirma: “um escritor para escritores”<sup>11</sup> e/ou “escritor para o leitor sofisticado, para o requintado, para o que se compraz em ser, como leitor, membro de uma minoria aristocrática e um tanto esnobe”<sup>12</sup>. Conclui, sem dispensar esse mesmo ar aristocrático que essa limitação “não diminui em nada a glória de um escritor: apenas a qualifica”<sup>13</sup>. Mais do que isso não diz. Além das breves considerações sobre Rosa, o ensaio de Freyre se

---

<sup>8</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52 ed. Rio de Janeiro: Global, 2013p. 198

<sup>9</sup> NASCIMENTO, Milton. *Morro Velho*. [canção] In: Milton Nascimento [1967]. Rio de Janeiro, 2002.

<sup>10</sup> FREYRE, Gilberto. *Presença de Guimarães Rosa e outras presenças*. In: *Vida, Forma e Cor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 20-29.

<sup>11</sup> *Ibidem* p. 20.

<sup>12</sup> *Ibidem* p. 21.

<sup>13</sup> *Ibidem* p. 23.

concentra em enumerar aqueles escritores que julga relevantes para a “nada desprezível literatura de ficção brasileira”<sup>14</sup>. Uma “literatura sem obras-primas”<sup>15</sup>, faz questão de destacar, mesmo assim importante.

Não resta dúvida que Gilberto Freyre se dedicou com mais atenção à literatura de José de Alencar – e até mesmo à obra de Camões<sup>16</sup> – do que à obra de Guimarães Rosa. O motivo é evidente: estaríamos comparando um cânone a um escritor contemporâneo que só ganhou a relevância que tem hoje alguns anos depois. Guimarães Rosa, por sua vez, leu com atenção Gilberto Freyre. O pernambucano esteve entre os mais importantes intelectuais brasileiros da primeira metade do séc. XX, supor que tenha passado despercebido por Guimarães Rosa seria um grande equívoco. E quer de maneira consciente, quer de modo involuntário, a obra de Rosa estabeleceu uma série de contatos com as teses freyrianas.

Tanto Kathrin Rosenfield<sup>17</sup> como Ricardo Benzaquen de Araújo<sup>18</sup> sustentam que, a partir dos anos 60, Freyre passou a ser visto como representante de certa ideologia da cultura brasileira, suspeito de um nacionalismo e, para muitos, de um racismo velado característico das elites. No mesmo momento, Guimarães Rosa foi descoberto como um autor supranacional e antirracista. Essas diferenças foram cruciais para que a bibliografia crítica de aproximação seja praticamente inexistente. Enquanto as obras de Freyre representavam um nacionalismo redutor, as obras de Rosa passaram a ser lidas em uma perspectiva universalista. Entendeu-se, alguns tardiamente, que Rosa não se enquadrava na tradição do romance de 1930 – cujo principal entusiasta fora o sociólogo pernambucano –, mas, influenciado tanto pela literatura alemã quanto

---

<sup>14</sup> Ibidem p. 25.

<sup>15</sup> Ibidem p. 25.

<sup>16</sup> FREYRE, Gilberto. *Camões: vocações de um antropólogo Moderno?*. Conselho de Comunidades Portuguesas. São Paulo, 1984.

<sup>17</sup> ROSENFELD, Kathrin. *Desenveredando Rosa. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

<sup>18</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994

pelas culturas orientais, Rosa elegeu o sertão mineiro como palco dos grandes conflitos do Homem.

Sob a perspectiva memorialística do relato, tanto a obra de Freyre quanto a obra de Rosa são frequentemente comparadas à de Proust, todavia, o salto de “Rosa [consiste em desfazer] o viés partidário que se aloja em certas formulações de *Casa-Grande & Senzala* e que terminam por edulcorar o passado, justificando as formas de dominação de antanho”<sup>19</sup>. E apesar das inúmeras diferenças, a começar pelo gênero de escrita e acabar pelas convicções políticas que suas obras parecem apontar, *Casa-Grande & Senzala* e *Grande Sertão: veredas* se aproximam na medida em que Rosa aprofunda de modo ficcional algumas das perspectivas de Freyre sobre a colonização e a identidade brasileira. Através de uma estrutura romanesca, Rosa encenou e aprofundou a sociedade patriarcal de modo mais ou menos implícito. Segundo a professora Kathrin Rosenfield,

“Rosa elaborou artisticamente a “influência” de *Casa Grande & Senzala*, tornando os elementos conceituais freyrianos novamente acessíveis a uma forma de receptividade específica: à percepção que se situa num nível mais profundo do que a consciência analítica e discursiva, no registro simultaneamente sensível e intelectual da sensibilidade poética. Trata-se, portanto, de reparar não nos conteúdos conceituais explícitos, mas num certo jogo de tensões que subjaz tanto ao ensaio de Freyre como a arte de Rosa”.<sup>20</sup>

\*

A fim de avançar na análise dessas tensões é preciso recuperar a origem do narrador-personagem Riobaldo e a “qualidade” de sua narração. Riobaldo faz par com narradores como Bentinho, de *Dom Casmurro*<sup>21</sup>, Humbert Humbert, de

---

<sup>19</sup> ROSENFELD, Kathrin. *Desenveredando Rosa. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006. p. 167

<sup>20</sup> Ibidem. p. 171

<sup>21</sup> ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora Ática, 1998

*Lolita*<sup>22</sup>, ou Holden Caulfield, de *O apanhador no campo de centeio*<sup>23</sup>. Isto é, narradores que precisam ser lidos como *não confiáveis* – o termo foi cunhado por Wayne C. Booth<sup>24</sup>. Partindo da premissa que tradicionalmente um romance é um conjunto de fatos, ações ou acontecimentos ficcionais (ainda que em espaços subjetivos, como fluxos de consciência) interligados sucessivamente em uma ordem de causas e efeitos pelo narrador, com objetivo de dar um sentido ao texto, é preciso entender o narrador-personagem como dono de uma das versões possíveis da exposição desses mesmos fatos, ações e acontecimentos.

Ao escrever sobre o narrador não confiável em 1961, Booth afirma que o que dá a ele essa condição não é simplesmente não dizer a verdade, mas o fato dele contar mentiras, ocultar informações, fazer julgamentos; além disso, a contradição e a lacuna na memória são indícios claros de um narrador não confiável. Neste caso, o narrador, em outras palavras, é dono de um ponto de vista suspeito. Se a história afetiva de Bentinho fosse narrada na perspectiva de Capitu, certamente teríamos outra história. E este exemplo é tão paradigmático que já foi levado às vias de fato: Paulo Emílio Sales Gomes e Lygia Fagundes Telles publicaram a obra *Capitu*<sup>25</sup>, em 1967, com esse intuito.

Em resumo, o que no Brasil aprendemos desde Machado de Assis, pelo menos, é interrogar o narrador-personagem. E a leitura aqui proposta de *Grande Sertão: veredas* se aproxima dessa leitura crítica no sentido em que consideramos Riobaldo como um narrador que fala também a partir de um ponto de vista radicado na sua condição social - a de um sujeito que começa sua travessia como filho da índia Bigri, uma *mãe solo* sobre quem pouco se sabe, passa boa parte da vida como jagunço e termina como um fazendeiro, herdeiro de um coronel e coiteiro sertanejo chamado Selorico Mendes.

---

<sup>22</sup> NABOKOV, Vladimir. *Lolita*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994

<sup>23</sup> SALINGER, Jerome David. *O apanhador no campo de centeio*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1951

<sup>24</sup> BOOTH, Wayne C. *The Rhetoric of Fiction*. Chicago: U of Chicago P, 1961. 2 Ed. 1983

<sup>25</sup> TELLES, Lygia Fagundes, GOMES, Emilio Salles. *Capitu: Roteiro para o cinema do livro Dom Casmurro, de Machado de Assis*. São Paulo: Siciliano, 1993

Bigri, mãe de Riobaldo, não integra o núcleo familiar de Selorico Mendes, não há relato de nenhuma relação afetiva entre o coronel e ela. Sabemos que se trata de uma agregada vivendo em uma ambígua condição de abandono e cuidado. Esse vago sistema de proteção aos agregados foi descrito por Freyre, aprofundado e justificado por Rosa logo no início da narrativa de Riobaldo:

Por mim, o que pensei, foi: que eu não tive pai; quer dizer isso, pois nem eu nunca soube autorizado o nome dele. Não me envergonho, por ser de escuro nascimento. Orfão de conhecença e de papéis legais, é o que a gente vê mais, nestes sertões. Homem viaja, arrancha, passa: muda de lugar e de mulher, algum filho é o perdurado.<sup>26</sup>

E, se por um lado, o patrão não pode assumir Riobaldo como filho, também não abandona completamente seus agregados, oferecendo proteção. Em certa altura da narrativa, Riobaldo afirma: “Meu padrinho Selorico Mendes me deixava viver na lordeza”<sup>27</sup>. Na maior parte da narrativa, Riobaldo se refere a Selorico Mendes como padrinho, mas a ideia de que o padrinho e patrão protetor possa ser seu pai sempre esteve em sua órbita:

Mas, um dia – de tanto querer não pensar no princípio disso, acabei me esquecendo quem – me disseram que não era à- toa que minhas feições copiavam retrato de Selorico Mendes. Que ele tinha sido meu pai! Afianço que, no escutar, em roda de mim o tonto houve – o mundo todo me desproduzia, numa grande desonra. Pareceu até que, de algum encoberto jeito, eu daquilo já sabia. Assim já tinha ouvido de outros, aos pedacinhos, ditos e indiretas, que eu desouvía. Perguntar a ele, fosse? Ah, eu não podia, não. Perguntar a mais pessoa nenhuma; chegava<sup>28</sup>.

Como não podia deixar de ser, a relação entre pai e filho é conflituosa e ambígua. Riobaldo é um filho bastardo com uma agregada de origem indígena, não incorporado ao núcleo familiar, mas que goza de um sistema de proteção e será incluído como herdeiro. E, se no primeiro momento, descobrir-se filho ilegítimo

---

<sup>26</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Ficção completa. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 50-51

<sup>27</sup> *Ibidem* p. 138

<sup>28</sup> *Ibidem* p. 167

do coronel foi motivo de desonra – era preferível não saber, “desouvir” –, houve momentos em que essa filiação proporcionou um status bem-vindo. Pois, apesar, de Riobaldo viver a condição de jagunço na vagância do sertão, sabia que “podia rever proveito, caçar de voltar dali para a casa-grande de Selorico Mendes, exigir [seu] estado devido, na Fazenda São Gregório.”<sup>29</sup>

A condição de filho só parece ser aceita em momentos pontuais, como no primeiro encontro com Otacília, na Fazenda Santa Catarina. Naquela ocasião, para ser bem visto e pleitear o casamento, era preciso ser “bem-nascido”, caialhe bem “revirar o fraseado” e ser filho de um coronel fazendeiro:

Quis falar em coração fiel e sentidas coisas. Poetagem. Mas era o que eu sincero queria – como em fala de livros, o senhor sabe: de bel-ver, bel-fazer e bel-amar. O que uma mocinha assim governa, sem precisão de armas e golpes, guardada macia e fina em sua casa-grande, sorrindo santinha no alto da alpendrada... E ela queria saber tudo de mim, mais ainda me perguntava. – “Donde é mesmo que o senhor é, donde?” Se sorria. E eu não medi meus alforjes: fui contando que era filho de Seô Selorico Mendes, dono de três possosas fazendas, assistindo na São Gregório. E que não tinha em minhas costas crime nenhum, nem estropelias, mas que somente por cálculos de razoável política era que eu vinha conduzindo aqueles jagunços, para Medeiro Vaz, o bom foro e patente fiel de todos estes Gerais.<sup>30</sup>

Sobre Bigri, Riobaldo conta que morreu em “dezembro chovedor”<sup>31</sup> e que deixou uma “tristeza de direito”<sup>32</sup>: “lembança de minha mãe às vezes me exporta”<sup>33</sup>. De herança: “miserinhas”<sup>34</sup>, “uma miséria quase inocente”<sup>35</sup>, “que não podia fazer questão”<sup>36</sup>. Sua morte inaugura um segundo momento na vida de Riobaldo. “Ela morreu, como a minha vida mudou para uma segunda parte. Amanheci mais”<sup>37</sup>:

---

<sup>29</sup> Ibidem p. 92

<sup>30</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Ficção completa. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 267

<sup>31</sup> Ibidem p. 149

<sup>32</sup> Ibidem p. 149

<sup>33</sup> Ibidem p. 150

<sup>34</sup> Ibidem p. 149

<sup>35</sup> Ibidem p. 149

<sup>36</sup> Ibidem p. 149

<sup>37</sup> Ibidem p. 149

Puseram para mim tudo em trouxa, como coube na metade dum saco. Até que um vizinho caridoso cumpriu de me levar, por causa das chuvas numa viagem durada de seis dias, para a Fazenda São Gregório, de meu padrinho Selorico Mendes, na beira da estrada boiadeira, entre o rumo do Currão e o do Bagre, onde as serras vão descendo. Tanto que cheguei lá, meu padrinho Selorico Mendes me aceitou com grandes bondades. Ele era rico e somítico, possuía três fazendas-de-gado. Aqui também dele foi, a maior de todas.<sup>38</sup>

\*

Ao mencionar a importância da índia na amálgama da identidade brasileira, Freyre dedica muitas linhas. Segundo o autor, é da mulher (cunhã) que veio a melhor e maior fatia da cultura indígena: “Pela mulher transmitiu-se da cultura indígena à brasileira o melhor que hoje nos resta dos valores materiais dos ameríndios...”<sup>39</sup>, “temos que considera-la não só a base física da família brasileira (...), mas valioso elemento de cultura, pelo menos material, na formação brasileira”<sup>40</sup>. Foi pelo intercurso com a mulher índia (e negra) que o colonizador multiplicou-se em população mestiça e, de modo sutil, Rosa encena os modos de efetivação sexual em que o branco “sem repulsas étnicas, religiosas e raciais” desenvolve essa relação poligâmica paradoxalmente ilícita e tolerada: “o amor foi só físico; com gosto só de carne, dele resultou filhos que os pais cristãos pouco se importaram de educar ou de criar à moda europeia ou à sombra da Igreja”<sup>41</sup>.

Ainda que toda essa importância seja atribuída aos povos indígenas, especialmente à mulher, por Freyre, é preciso ver com certa reserva a maneira como romanticamente essa tese se sustenta:

“As mulheres [indígenas] eram as primeiras a se entregarem aos

---

<sup>38</sup> Ibidem p. 150

<sup>39</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52 ed. Rio de Janeiro: Global, 2013 p. 221

<sup>40</sup> Ibidem p. 162

<sup>41</sup> Ibidem p. 162

brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho”<sup>42</sup>.

O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro em conferência durante o ato Abril Indígena, no último 20 de abril, afirma que “há uma guerra em curso contra os povos índios do Brasil [desde a colonização], apoiada abertamente por um Estado que teria (que tem) por obrigação constitucional proteger os índios e certas populações tradicionais(...)”<sup>43</sup>. Em um tom muito mais contemplativo, que em nada lembra as denúncias de Viveiros de Castro, Freyre escreveu que entre todas as contribuições que se exigiu da índia na formação social do Brasil, o corpo foi a primeira delas. É famosa a expressão de Gilberto Freyre que descreve o português aportando em terras tupiniquins (incluindo os jesuítas) e “atolando os pés em carne”, “escorregando em índia nua”<sup>44</sup>.

A propósito do processo de colonização, Freyre conclui que mais do que um natural pendor pela atividade sexual entre os portugueses e os “povos de cor”, o ambiente de extrema “intoxicação sexual” “serviu a poderosas razões de Estado no sentido de rápido povoamento mestiço na nova terra”<sup>45</sup>.

A ermos tão mal povoados, salpicados, apenas de gente branca, convinham superexcitados sexuais que aqui exercessem uma atividade genésica acima da comum, proveitosa talvez, nos seus resultados, aos interesses políticos e econômicos de Portugal no Brasil.<sup>46</sup>

Percebe-se que Riobaldo é um personagem análogo àqueles filhos, descritos por Freyre, originários da “mobilidade e miscibilidade” e da “atividade genésica” do colonizador português. E os mesmos traços antagônicos do caráter luso enumerados por Freyre em seu ensaio estão presentes na caracterização de

---

<sup>42</sup> Ibidem p. 161

<sup>43</sup> CASTRO, Eduardo Viveiros. *Os involuntários da pátria*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/554056-povos-indigenas-os-involuntarios-da-patria>. Acessado em 23 de maio de 2016.

<sup>44</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52 ed. Rio de Janeiro: Global, 2013 p.161

<sup>45</sup> Ibidem p. 161

<sup>46</sup> Ibidem p. 83

Riobaldo. A começar pelo nome. Ana Maria Machado, em *O recado do nome*<sup>47</sup>, lembra que ele se compõe de Rio e *baldo* (frustrado), o que demarca as inúmeras mudanças no curso do personagem, os inúmeros caminhos, as tantas veredas, e o permanente fluir.

O herói preferido de Rosa é a síntese do paradoxo onde “Tudo é e não é...”<sup>48</sup>: O mesmo jovem medroso e ingênuo que enxerga coragem nas palavras de Reinaldo (o menino) é o destemido jagunço Urutu-Branco; o mesmo jagunço que não se reconhece como parte daquele bando e reprova suas vilezas é o assassino e impiedoso chefe. É justamente no retrato oscilante de Riobaldo, que não se define senão pela versatilidade, que encontraremos os elos com a ambivalência do caráter nacional oriundo da miscigenação e heranças, para Freyre, do português.

\*

A polaridade entre o estável e o instável, em *Grande Sertão: veredas*, é representada pela oposição entre o sertão e a casa-grande patriarcal. Por mais que essa não esteja encenada de modo tão evidente (como aparece em Alencar), a casa-grande senhorial permanece uma instância reguladora do sertão rosiano na medida em que a figura paterna e a vida familiar, ou seja, a possibilidade de fixidez, é um horizonte de busca.

Depois de tantas guerras, eu achava um valor viável em tudo que era cordato e correntio, na tiração de leite, num papudo que ia carregando lata de lavagem para o chiqueiro, nas galinhas-d'angola ciscando às carreiras no fedegoso-bravo, com florezinhas amarelas, e no vassoural comido baixo, pelo gado e pelos porcos. Figurei que naquela ocasião tive curta saudade do

---

<sup>47</sup> MACHADO, Ana Maria. O nome perpetuo [1976]. *O recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 63.

<sup>48</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Ficção completa. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 10

São Gregório, com uma vontade vã de ser dono de meu chão, meu por posse e continuados trabalhos, trabalho de segurar a alma e endurecer as mãos. Estas coisas eu pensava repassadas.<sup>49</sup>

A professora Kathrin Rosenfield identifica que tanto a obra de Rosa quanto seu imaginário pessoal – sua identidade biográfica “inventada” – habitam o campo de tensão entre o provisório e o estável. Em outras palavras, tanto Riobaldo como seu autor repousam no antagonismo paradoxal das identidades brasileiras teorizadas por Freyre. A fim de sustentar este argumento, a professora evoca uma entrevista em que Rosa define seu sobrenome como de origem portuguesa e suabo; e Cordisburgo – sua cidade natal – como lugar de instabilidades e migrações indefinidas<sup>50</sup>.

A casa-grande, em seu sentido mais amplo, como definido por Freyre, representa para Riobaldo o contraponto do sertão, a vida regrada e ordenada que ele procura e ao mesmo tempo rejeita. “Saio daqui com vida, deserteio de jaguncismo, vou e me caso com Otacília!”, afirma o jagunço no ímpeto de deixar o sertão pela casa-grande. As relações amorosas de Riobaldo reencenam também o patriarcalismo originário do ambiente senhorial. Ao mesmo tempo que Riobaldo é fruto de uma relação de submissão e subserviência gestada na casa senhorial, entre um coronel e uma índia, e se envergonha disso, ele reproduz em diversos momentos disseminados ao longo do romance essa mesma estrutura social.

Riobaldo descreve Otacília como “toda exata, criatura de belezas”, “moça de carinha redonda, entre compridos cabelos”<sup>51</sup>. “Minha Otacília, fina de recanto,

---

<sup>49</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Ficção completa. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 261

<sup>50</sup> ROSENFELD, Kathrin. *Desenveredando Rosa. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006. p. 173

<sup>51</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Ficção completa. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 192

em seu realce de mocidade, mimo de alecrim (...)”<sup>52</sup>. Otacília é bela e nova como não poderia deixar de ser, a mulher certa para casar, pois “o que hoje é fruto verde, naqueles dias tinha-se medo que apodrecesse de maduro, sem ninguém o colher a tempo”<sup>53</sup>, escreveu Freyre. E Riobaldo completa: “Toda moça é mansa, é branca e delicada. Otacília era a mais”<sup>54</sup>.

Sobre o casamento patriarcal, Freyre escreve que “quem tivesse sua filha, que a casasse meninota (...) depois de certa idade as mulheres pareciam não oferecer o mesmo sabor de virgens ou donzelas que aos doze ou aos treze anos”. As meninotas, descritas em *Casa-Grande & Senzala* como tendo “o humilde ar de Maria” conservavam-se, à espera do casamento, “nas procissões e nos exercícios devotos da semana santa o ano inteiro”<sup>55</sup>.

Em oposição ao casamento patriarcal – sério, santificado – Riobaldo narra relações que se restringiram ao ato sexual e afirmam herdeiro de um patriarcalismo pouco velado: “entramos num arraial maior, com progresso de bordel, no hospedado daquilo usufruí muito, sou senhor”<sup>56</sup>, e em outro momento, “eu tinha gozado hora de amores, com uma mocinha formosa e dianteira, morena cor de doce-de-buriti”. “Dianteira”, sim, porque se opõe ao recato de Otacília; “morena cor de doce-de-buriti”, pois considerando a cor avermelhada do doce-de-buriti, pode-se concluir, sem grandes voos interpretativos, que se trata de uma moça seguramente de origem indígena – tal qual Bigri, sua mãe – ou negra. Parafraseando Freyre, não é difícil concluir em *Grande Sertão: veredas* que a virtude da mulher branca se apoia nas relações voluptuosas com as mulheres negras e índias<sup>57</sup>. E o curso da narração faz concluir ainda que Riobaldo atualiza

---

<sup>52</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Ficção completa. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 262

<sup>53</sup> Ibidem p. 429

<sup>54</sup> Ibidem p. 262

<sup>55</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52 ed. Rio de Janeiro: Global, 2013 p. 510

<sup>56</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Ficção completa. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 267

<sup>57</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52 ed. Rio de Janeiro: Global, 2013 p. 538

o ditado recuperado por Freyre que diz: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”.<sup>58</sup>

A beleza indígena é reverenciada pelo português porque é exótica e porque segundo Freyre se confunde com o a figura da moura-encantada, “tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual – sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios (...)”<sup>59</sup>. Em *Grande Sertão: veredas* essas características também podem ser encontradas em Rosa`uarda, a moça “estranja, turca”, de “extraordinários olhos pretos”<sup>60</sup> que seduz o jovem Riobaldo. Mais velha, foi ela quem ensinou “as primeiras bandalheiras, e as completas, que juntos [fizeram], no fundo do quintal, num esconso,” (...) com muito anseio e deleite”<sup>61</sup>.

As feições aproximam fisicamente Rosa`uarda de outra personagem feminina do romance, Nhorinhá – ambas parecem recuperar o ideal da “moura-encantada” (apesar da primeira ser descrita como filha de turcos e a segunda como descendente de ciganos). “Ah, a mangaba boa só se colhe já caída no chão, de baixo... Nhorinhá”<sup>62</sup> Nhorinhá se opõe à fruta verde sobre a qual falava Freyre ao se referir à mulheres jovens e virgens como Otacília. Ela e Riobaldo se conhecem em uma das vagâncias do jagunço pelo sertão e o desdobramento imediato é a efetivação sexual: “Eu nem tinha começado a conversar com aquela moça, e a poeira forte que deu no ar ajuntou nós dois, num grosso rojo avermelhado.”<sup>63</sup> Riobaldo descreve Nhorinhá com “lenço curto na cabeça, feito crista de anu-branco”, ela é filha de Ana Duzuza, famosa por ler a sorte das pessoas e por ser filha de ciganos. Riobaldo narra que Ana Duzuza “sabia que a filha era meretriz, e até – contanto que fosse para os homens de fora do lugarejo, jagunços ou tropeiros – não se importava, mesmo dava sua

---

<sup>58</sup> Ibidem p. 72

<sup>59</sup> Ibidem p. 71

<sup>60</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Ficção completa. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 155

<sup>61</sup> Ibidem p. 156

<sup>62</sup> Ibidem p.40

<sup>63</sup> Ibidem p. 40

placença”.<sup>64</sup> Volta, aqui, a ecoar a frase de Freyre: “somos forçados a concluir (...) que muita [da] castidade e [da] pureza [das brancas] manteve-se à custa da prostituição da escrava negra; à custa da tão caluniada mulata”<sup>65</sup>.

Mas Riobaldo, colocando em oposição o que representa cada uma dessas mulheres, o que é estável e o que é o provisório, esclarece seu quadro afetivo: “Gosto de minha mulher [Otacília], sempre gostei, e hoje mais. Quando conheci de olhos e mãos essa Nhorinhá, gostei dela só o trivial do momento.”<sup>66</sup> “Apesar da aparência subsiste, na obra rosiana, o antagonismo entre a vida jagunça e o imaginário patriarcal da casa-grande”: Nhorinhá é trivial e representa a instabilidade, Otacília é chance de se fixar, é a representação da constância do mundo patriarcal. Resume Kathrin Rosenfield, “Rosa simplesmente inverte a perspectiva, contemplando pelo avesso a lógica da estabilidade precária analisada por Freyre”<sup>67</sup>.

A relação de Riobaldo e seu amigo Reinaldo (ou Diadorim) permanece a mais complexa em *Grande Sertão: veredas*. O motivo mais evidente é a sua proibição, mas as distintas análises críticas apontam camadas de entendimento mais complexas. O homoerotismo é um princípio condenado na sociedade patriarcal. Ser heterossexual, no contexto de uma sociedade patriarcal, é fundamental na organização do poder, na credibilidade masculina e na construção de hierarquias. E ainda que Riobaldo, ao narrar em muitos momentos seu afeto pelo amigo, pareça criar fissuras nesse sistema patriarcalista, seu discurso é, em seguida, restaurador da heteronormatividade.

Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no

---

<sup>64</sup> Ibidem p. 40

<sup>65</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52 ed. Rio de Janeiro: Global, 2013 p. 538

<sup>66</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Ficção completa. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.134

<sup>67</sup> ROSENFELD, Kathrin. *Desenveredando Rosa. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006. p. 173

sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra aos vícios descontraídos. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa- feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espairescia, aí rijo comigo renegava.<sup>68</sup>

Mário de Andrade, no conto *Frederico Paciência*<sup>69</sup>, tematiza as dificuldades da relação entre dois amigos. Pode-se estabelecer uma comparação e um contraponto. No início do texto de Mário, o narrador enuncia: “ Admirava lealmente a perfeição moral e física de Frederico Paciência e com muita sinceridade o invejei. (...) Quis ser ele, ser dele, me confundir naquele esplendor, e ficamos amigos”<sup>70</sup>. Como na sociedade patriarcal o homoerotismo é condenado, a relação entre os personagens não pode se dar senão por vias oblíquas – no olhar, no gesto, no toque que não se enuncia na fala -, como “amor de amigo”. “O olho, o procuro nos olhos, lhe devorando os olhos internados”. O “amor de amigo”<sup>71</sup> é naturalmente ambíguo porque os limites impostos pelas regras sociais são, todo o tempo, tensionados.

---

<sup>68</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Ficção completa. Vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 201

<sup>69</sup> ANDRADE, Mario. *Contos Novos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

<sup>70</sup> Ibidem. p. 90

<sup>71</sup> Ibidem. p. 84

Comentando às claras o nosso amor de amigo, como que procurávamos nos provar que daí não podia nos vir nenhum mal, e principalmente nenhuma realização condenada pelo mundo. Condenação que aprovávamos com assanhamento. Era um jogo de cabeças unidas quando sentávamos pra estudar juntos, de mãos unidas sempre, e alguma vez mais rara, corpos enlaçados nos passeios noturnos. E foi aquele beijo que lhe dei no nariz depois, depois não, de repente no meio duma discussão rancorosa sobre se Bonaparte era gênio, eu jurando que não, ele que sim. – Besta! Besta é você! Dei o beijo, nem sei! Parecíamos estar afastados léguas um do outro nos odiando. Frederico Paciência recuou, derrubando a cadeira. O barulho facilitou nosso fragor interno, ele avançou, me abraçou com ansiedade, me beijou com amargura, me beijou na cara em cheio dolorosamente. Mas logo, nos assaltou a sensação de condenados que explodiu, nos separamos conscientes. Nos olhamos no olho e saiu o riso que nos acalmou.

Em uma das passagens do texto, o narrador desestabilizando o patriarcalismo típico da sociedade de 30, afirma: “nos amávamos pelo que éramos, tal como éramos, desprendidamente, gratuitamente, sem o instinto imperialista de condicionar o companheiro a ficções de nossa inteira fabricação.”<sup>72</sup> Assumir o desejo, e associar o patriarcalismo às “ficções de nossa inteira fabricação” faz repensar o processo de formação social do Brasil até os dias de hoje. Mário vai além, cria fissuras no patriarcalismo; Rosa, nem tanto.

Em artigo intitulado *Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do sertão*, a filósofa Márcia Tiburi investiga a representação/ficcionalização da morte de Diadorim. Partindo de uma comparação entre as mortes das mulheres nas tragédias gregas, o texto se funda nas seguintes questões:

Diadorim “morta”, momento apoteótico da narrativa, é o desfecho da lei à qual Diadorim está abandonada. A pergunta simples a ser feita diz respeito à analogia entre texto e lei: se uma mulher pode ser morta na literatura de ficção (ou no cinema, ou nas artes visuais), se sua morte é bela e esteticamente viável, por que não seria politicamente aceitável? (...) Há uma

---

<sup>72</sup> Ibidem. p. 90

solidariedade entre realidade e imaginário que não deve passar despercebida. Se o topos da mulher morta é uma constante imagética, estética e poética, não haverá uma ética e, mais, uma política que lhe subjaz?<sup>73</sup>

O romance de Rosa, lido sobre a ótica do patriarcalismo, evidencia outros pontos de tensão. Ainda que haja diferenças significativas entre as mortes das mulheres na literatura, essa leitura sustenta que todas levam a pensar no estatuto da biopolítica de gênero. É verdade que a morte de homens também é narrada, comenta Márcia Tiburi, mas com uma diferença a ser considerada: “enquanto ela [a morte] faz [deles] heróis na transcendência da mera vida, a morte das mulheres não as torna heroínas, antes serve para recoloca-las em seu lugar, a de ser doméstico a viver na penumbra da casa”<sup>74</sup>. No caso de Diadorim, a questão vai mais longe, porque Diadorim só aparece como mulher depois de morrer. Segundo a leitura da filósofa, “não é (...) apenas uma mulher que é morta, mas, como precisamos ver, que alguém de quem não sabemos que seja mulher até o fim da leitura, só é mulher uma vez que morta”<sup>75</sup>. E completa: “Alguém que pretendia parecer homem, vestindo-se, agindo, falando como homem, surge como que ‘castigado’ no ato mesmo de ser ‘devolvido’ ou ‘abandonado’ à sua natureza”<sup>76</sup>.

Como afirmou Freyre ao escrever sobre Alencar, o patriarcalismo é, mesmo para grandes autores, uma condição incontornável. A análise de Márcia Tiburi conclui que a obra de Rosa, “em que pese a sua simplesmente absoluta genialidade”<sup>77</sup>, é mais um aspecto do projeto biopolítico do patriarcado que urge por uma crítica feminista.

---

<sup>73</sup> TIBURI, Marcia. *Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do sertão* In: Rev. Estud. Fem. vol.21 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2013 p. 192

<sup>74</sup> TIBURI, Marcia. *Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do sertão* In: Rev. Estud. Fem. vol.21 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2013, p.192

<sup>75</sup> Ibidem. p. 196

<sup>76</sup> Ibidem p. 197

<sup>77</sup> Ibidem p. 206

\*

Gilberto Freyre escreveu que “a casa-grande, embora associada particularmente ao engenho de cana, ao patriarcalismo nortista, não deve considerar expressão exclusiva do açúcar, mas da monocultura escravocrata e latifundiária em geral”<sup>78</sup>. O pano de fundo do sertão riobaldiano é justamente a atualização dessa estrutura. O trabalho escravo não existe como antes, mas os laços que sustentam a submissão de uns e a soberania de outros ainda se baseiam no latifúndio e na violência.

Do alto da casa-grande de pedra e cal, uma minoria se cerca de lavradores, agregados, moradores de casas de taipa e palha, vassalos em todo rigor da expressão. Mas também a guarda pessoal, os jagunços e cangaceiros que, ao pedirem pouso provisório nas andanças do sertão, oferecem seu poder bélico aos coiteiros. Se podemos considerar o sertão, em parte, como medieval é porque sua estrutura de poder regida pela casa-grande é semifeudal.

Riobaldo, no que diz respeito às posições de mando em consonância com o patriarcalismo, assume pelo menos três posições ao longo do romance – e é preciso também lê-lo sob está ótica: no primeiro momento, a de filho de coronel integrado ao bando de jagunços (podendo, a rigor, desertar dessa condição e voltar para a vida na Fazenda São Gregório, sob a tutela de seu pai/padrinho); no segundo momento, de chefe do bando de jagunços; e, por fim, no momento em que narra sua história, a de fazendeiro e, como lhe convém, na condição de latifundiário, de coronel. Interrogar o narrador, no seu lugar de enunciação, é tentar entender, nesse contexto, os motivos que levam Riobaldo a contar sua história.

---

<sup>78</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 52 ed. Rio de Janeiro: Global, 2013 p. 43

\*

Pensar em *Grande Sertão: veredas* é pensar também em *Ulisses*, de James Joyce; é pensar no *Fausto*, de Goethe, é pensar na *Rayuela*, de Cortazar, é pensar em Thomas Mann, pensar em Carpentier, Shakespeare, em Dante, em Virgílio, é pensar em Homero. É, em suma, pensar em obras que tentaram dar conta da grandeza da experiência humana. Se em algum momento a obra de Rosa foi limitada, pela crítica, à mera encenação do sertão mineiro, o que temos hoje é uma bibliografia crítica tão vasta e variada que tomar ciência dela seria uma tarefa sobre-humana. De modo geral, o que sabemos hoje é que a experiência da travessia, do sertão-mundo encenado por Guimarães Rosa, é a experiência de expansão do sujeito que se dá na (e pela) linguagem. Mas não podemos esquecer que as condições de enunciação desse narrador estão radicadas em um tipo de arranjo social – amplamente divulgado por Gilberto Freyre.

Atravessa-se o sertão de Rosa com os olhos, com a língua, com o corpo todo porque a escrita intensifica certa desorientação, é o passo que rompe o silêncio do sujeito, conduzindo ao desconforto da proposição de novas estruturas de fala: uma possibilidade de alargamento da intensidade, a imposição do sertão ilimitado. Tantas foram as leituras do sertão, tantas serão ainda as experiências de ampliação. Neste largo escopo temático que concerne o romance, escolhemos sublinhar uma possível geografia do diálogo entre Rosa e Freyre, um recorte breve, mas que pode revelar modulações da identidade brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mario. *Contos Novos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.  
ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1977.

- ALENCAR, José de. *O Guarani*. 9 ed. São Paulo: Ática, 1981.
- ALENCAR, José de. *O Gaúcho*. 3 ed. Editora Ática: São Paulo, 1988.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994
- CASTRO, Eduardo Viveiros. *Os involuntários da pátria*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/554056-povos-indigenas-os-involuntarios-da-patria>. Acessado em 23 de maio de 2016.
- FREYRE, Gilberto. *Reinterpretando José de Alencar*. Ministério da Educação e Cultura. Departamento da Imprensa Nacional, 1955.
- FREYRE, Gilberto. *Vida, Forma e Cor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- FREYRE, Gilberto. *Camões: vocações de um antropólogo Moderno?*. Conselho de Comunidades Portuguesas. São Paulo, 1984.
- MUYLAERT, Anna. *Que horas ela volta?* [filme], 2014.
- NASCIMENTO, Milton. *Morro Velho*. [canção] In: Milton Nascimento [1967]. Rio de Janeiro, 2002.
- ROSENFELD, Kathrin. *Desenveredando Rosa. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.
- TIBURI, Marcia. *Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do sertão* In: Rev. Estud. Fem. vol.21 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2013